

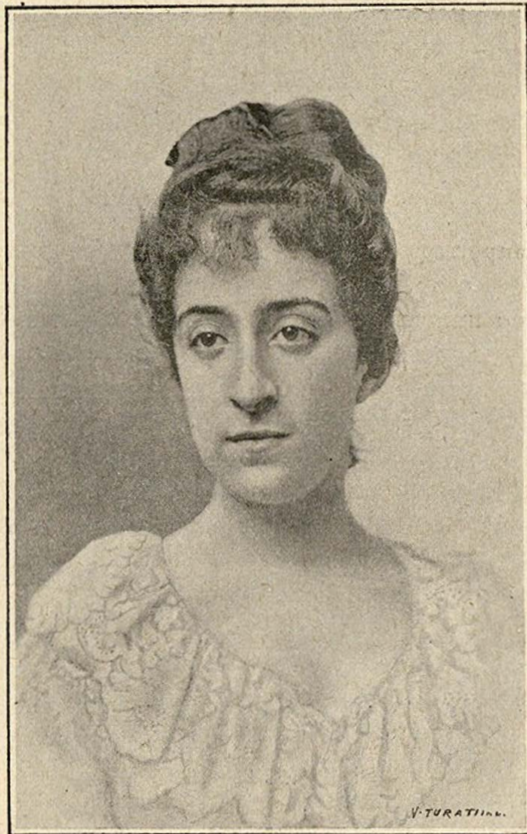
REVISTA THEATRAL

2.^a Serie — Anno II

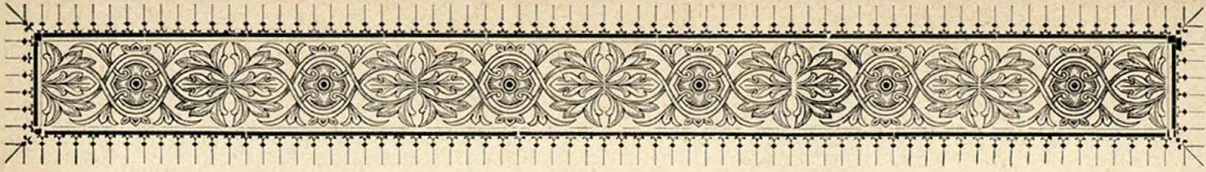
Lisboa, 1 5de junho de 1 86

2.^o Vo l.— N^o. 36

OS NOSSOS ARTISTAS LYRICOS



REGINA PACINI



REGINA PACINI

ENCANTADORA e privilegiada creança!
Deu-lhe Deus uma physionomia insinuante e doce, uma figurinha graciosa e leve, e uma voz — oh! uma voz, celestial e fresca, da frescura penetrante e viva que vem da eterna e immarcessivel juventude.

Quando ella começou a cantar, certamente que lá em cima os anjos interromperam seus transcendentos e divinos côros para a ouvirem, e se a inveja é permitida em tão immaculados seres, elles invejaram-n'a — no bom sentido, entenda-se.

Venho eu a dizer que tiveram pena de ver esta sua etherea irmã, transviada cá por baixo n'estas paragens lobregas, quando ella ao céu é que pertence.

Mas então algum anjo mais velho — porque quero crer que não terão todos a mesma idade e como tal mais assisado e sabio, sem duvida lembrou ao bando, que tambem na terra era preciso algumas vezes surgirem anjos, na voz e no rosto, para nos darem a nós, mortaes vulgares, a antevisão sonhada d'essas delicias cerulas da Bemaventurança infinda. Como quer que seja, a boa e bella Regina cá está entre nós, e lá por cima que passem sem ella por muitos annos e bons, como todos hemos mister, para consolação das nossas almas e regalo dos nossos ouvidos.

Foi ahi por 1888, e na vespera de fazer 17 annos se bem me lembro, que ella delibrou embarcar-se na galera azul da Arte, e fazer-se de véla para esse encantado e mysterioso porto da Gloria, aonde tantos mareantes aproam e onde tão raros chegam.

Levava desfraldada ás palpitações do ar a bandeira escarlata do entusiasmo e a flamula verde da Esperança, e toda ella parecia envolvida n'um nimbo rozeo de crente e de illuminada.

Cá em baixo velhos dilettaes celebres, frequentadores antigos do Real Theatro, e muitos admiradores convictos preparavam palmas e bosquejavam sorrisos para a saudarem e para a applaudirem.

As flôres erguiam-se dos hastis virentes para lhe perfumarem o caminho e lhe embalsamarem o ar, e até as senhoras dos camarotes, de ordinario distrahidas e fastientas, desfranziam os supercilios, dispostas a consagrarem com um olhar esse astro que despontava...

Quando ella appareceu receosa e tremula, com uma suave limpidez na frente, com uma franca innocencia no gesto e na figura, a sala toda rejubilou em festa e Regina estava baptisada cantora.

E' que aquellas notas crystallinas e doces, de uma afinação *desesperadora*, a desafiarem a flauta, de um timbre precioso e raro, e de uma espontaneidade abundante e inexaurivel, entravam-nos pelo ouvido, entravam-nos pela alma, captivavam-nos os sentidos e prendiam-nos o espirito, e todos nós, criticos ou ignorantes, entendedores ou simples curiosos, claramente comprehendiamos que estavamos diante de uma privilegiada e prodigiosa garganta, onde o Genio alado da divina Musica depozera um dos seus decisivos e mysteriosos beijos.

Estava ali uma futura grande artista a quem bastaria apensa a segurança que dão os annos,

o tirocinio e o estudo, pois que a materia prima era inegualavel em qualidade e em valor.

*

Pois o Futuro fez-se presente e presente florido e luminoso, e da captivante e ingenua *debulante* de 1888 saiu cheia de talento, cheia de frescura, cheia de *virtuosismo* a festejada cantora de hoje.

Pouco depois de se estrear aqui, foi-se a ver longes terras e estranhos rostos, andou por Hespanha e pela Russia, pela Italia e pela Inglaterra, enamorou Sevilha e encantou Madrid, aqueceu Londres e desgelou S. Petersburgo...

E perante esses publicos heteroclitos e variados, de ordem composita e de natureza estranha, ella fez desfilar, entre applausos e entre aclamações, a galeria ideal das suas creações scenicas, a doce Gilda, e a infeliz Traviata, a apaixonada Amina e a travessa Rosina, a pallida Ophelia e a desditosa Lucia ..

E todas essas doces e immateriaes figuras, feitas de poesia e de sonho, tecidas de lagrimas e banhadas de luar, todas ellas alternativamente viveram a vida da sua alma e dos seus nervos, do seu coração e do seu espirito, um momento descendo das regiões azues da phantasia que as concebeu pela dor e as immortalisou pelo genio, para a tangivel e corporea região da realidade da existencia...

Dizer da fôrma, como Regina Pacini em si encarnou essas personagens varias, da porção de idealidade e de verdade que em cada uma d'ellas conseguiu pôr, é tarefa deslocada aqui, e por de mais inutil visto já estar sabiamente feita por quem reputava dever fazel-o.

Affirmar-lhes que essa franzina e quasi imponderavel creatura não raro logrou arrancar ao talento e ao estudo o que d'elle só podem extrahir os eleitos e os fortes, é reproduzir para estas columnas o que tão repetidas vezes se ha escripto por esse mundo fóra em tão numerosos e diversos idiomas, e por tantas e tão proficientissimas pennas.

Em summa reeditar todas as lindas e ponderosas cousas que ácerca do seu methodo de canto e do seu estylo, da sua individualidade e da sua voz, milhares de apreciadores emeritos lhe teem offerecido como homenagem sincera, como preito devido, seria alem de escusado, algo trabalhoso, pelo que eu hei por bem remetter-me a um salutar silencio.

Desde que não lograria traçar o perfil distin-

cto e fino da applaudida cantora, com melhores idéas e com mais justas palavras, do que aquellas palavras e aquellas idéas com que antes de mim o fizeram os que d'ella fallaram, apenas me restava em verdade, confessar-me vencido, o que não hesito em reconhecer.

De uma cousa porém pôde Regina Pacini ter a absoluta certeza, é de que outros teem e terão dito melhor do que eu nunca seria capaz de dizer; nenhum foi mais sincero, e a nenhum cedo na admiração e na sympathia que lhe votam.

Tambem dos meus labios e do meu coração, bella e encantadora Regina, sae, fervorosa e quente, a ladainha dos louvores e o côro das aclamações á tua voz amorosa e límpida, infavel e terna, embaladora e calma, voz que faz sonhar e que faz sentir, e tambem eu, perdido na multidão dos que te escutam, enlevados e presos, muito te bendigo o nome e te venero o talento; e, se para todos aquelles que n'este mundo vario e vasto comsigo trassem uma sentelha do divino fogo eu tenho um impulso de gratidão e um estremecimento de amor, tu pertences, é claro, a essa legião sagrada, e cá tens por isso na cella intima do meu pensamento um versiculo inscripto em tua honra.

*

E agora queiram os deuses e permita o Destino que ainda por longos e festivos annos possa, como agora, assistir á tua triumphal carreira, que eu prophetiso — o vaticinio é facil — sempre progressivamente juncada de flores e rescendente de louros...

AFFONSO VARGAS.



ENTREACTOS

MANUAL DO COSINHEIRO THEATRAL

Continuado de pag. 177

IV

ASSADO

RECEITA DO DRAMA HISTORICO

Demorar-me-hei pouco na receita do drama historico, porque este excellente genero está hoje, infelizmente, bem abandonado!

Lamento-o do fundo d'alma: era um curso de Historia em que os espectadores tinham sempre que aprender. É claro que os seus auctores nem sempre recuavam ante uma duzia ou mais de anachronismos; os caracteres dos heroes não eram a maior parte das vezes observados e descriptos com grande fidelidade; acontecia mesmo pôrem nas mãos dos gaulezes armas demasiadamente modernas, taes como os Chassepots ou as espingardas Lebel; e comtudo o povo aprendia ali alguns rudimentos de Historia, via na sua frente Reis, Rainhas, Senhores e Cavalleiros e habituava-se assim a respeitar a auctoridade emquanto que agora não tem respeito nem pela policia civil.

O drama historico armava-se em geral sobre uma lenda ou uma chronica do tempo antigo. O auctor tinha o maior cuidado em não divulgar esse pormenor.

Como nos dramas actuaes, havia um galã bello, soberbo, heroico. («Dez contra um, são cinco a mais!») Este galan amava a Rainha ou então uma linda Judia. Era contrariado nos seus projectos por um traidor: ou um gentilhomem de «má catadura» ou um cardeal (quasi sempre Richelieu). No desenlace era feliz se a historia o permittia; se não o permittia, o auctor fazia-o dar a alma a Deus.

Ordinariamente havia um acto em que nos apresentavam o Rei entrando na sua boa cidade. Um quadro era consagrado á descripção da côrte do dito rei e ahi o auctor fazia-nos assistir ao dialogo dos cortejões que ordinariamente diziam coisas espirituosissimas. Um dos condimentos indispensaveis d'este drama era o punhal ou o veneno. Muitos dos personagens morriam em scena por qualquer d'estes meios tão rapidos como commoventes. Accrescentarei que quando os auctores dispunham de mais tempo, faziam os seus dramas em verso. Mas tal forma parece ter cahido agora em desuso.

O TRÊMOLLO NA ORCHESTRA

Antes de terminar as receitas do drama nas suas diferentes manifestações, devo dar algumas indicações, ainda que ligeiras, sobre o tempero mais essencial d'este genero de peças: refiro-me ao *tremolo*.

O *tremolo* é tão necessario ao drama como o oxigenio aos nossos pulmões. Excita, apaixonona, augmenta a intensidade das sensações, e eu proprio, que não sou poeta, sinto ao lembrar-me d'elle, uma especie de lyrismo a invadir-me a alma.

Mancebos! use do *tremolo* nos vossos dramas!

Não hesiteis — se o chefe da orchestra vos parecer pouco energico, animae vós mesmos os vossos rabequistas, exigí d'elles não só calor mas entusiasmo! Se conseguirdes tel-os ao vosso lado, o drama está salvo, por mais banal que seja o enredo, por mais forçadas que sejam as situações.

No momento em que o galan diz á ingenua que a adora, que a orchestra sussurre umas notas discretas, para os incitar ao hymineu.

Quando o tyranno se approxima e avança para pôr em execução os seus negros designios, que o *tremolo* seja severo e fatal ao mesmo tempo; quando a pobre velha é assassinada, que o *tremolo* seja terrivel; quando o traidor é descoberto e preso, que o *tremolo* seja vingador, e

no final bastante vivo para indicar bem que a Sociedade está satisfeita.

Com muitos *tremolos* e grande profusão de scenas mudas em que os actores elevem as mãos acima da moleirinha e torçam os braços no auge do desespero, um auctor sufficientemente habil tem muito pouco dialogo a fazer para o seu drama.

E' uma economia de tempo, em cuja utilidade acho ocioso insistir.

Continúa.

SÉSOSTHÈNE RABICHON.



REVISTA DOS THEATROS

THEATRO DO PRINCIPE REAL

6 de Junho

JOSÉ JOÃO¹

Peça em 3 actos e 4 quadros
original de *Esculapio* com musica do sr. Rio de Carvalho, parodia em verso ao drama hespanhol «JOAO JOSÉ»

Uma parodia — diz o cartaz — e uma parodia que no mesmo cartaz se annuncia assim:

Guitarradas, zaragatas,
Peixe frito, bebedeiras,
Isclas com e sem batatas,
Guitas, fadistas, sopeiras.
Um varredor mui testo
Desordens, o diabo a quatro;
Quem quizer saber o resto
Vá vêr a peça ao theatro.

dando o que promette cumpriu o seu dever.

Estamos na epocha de verão, e como a *bexigada* (termo theatral consagrado) não mostra ter pretensões, não desenvolveremos analyses sobre o que seja uma parodia — que não é aquillo, salvo se tomarmos a palavra *parodia* na accepção moderna — e sobre as grandes differenças que existem entre o genero d'esta peça e o es-

¹ PERSONAGENS: = Rita, ovarina: Isabel d'Oliveira. — Margarida, ovarina: Julia d'Assumpção. — Remechida, mulher de virtude: Elisa Aragonez. — José João, varredor: Roldão. — Chico: Torres. — Barnabé, cocheiro: A. Salvador. — Pascacio, accendedor de candeeiros: Olympio Mesquita. — O Cabo da Esquadra: Alfredo Miranda. — Perinico, vendedor de jornaes: Peixoto. — O Veterano, gatuno da velha guarda: Mesquita. — O Cego, tocador de rebecca: Miranda. — O Cosinheiro: J. Silva. — Moço das Isclas: Henrique d'Oliveira. — Manel, piteireiro encartado: Miranda. — Um Policia: Oliveira. — Sentinella: João Silva. — Moço da Horta: Henrique. — Jogadores, Homens e Mulheres do povo, Creadas, Municipaes, Policias, Varredores, Freguentadores das hortas Ovarinos e Ovarinas, Freguezes do Campanudo, Creados, Creadas, etc., etc.

TITULO DOS QUADROS: = 1.º Um Othello de vassoura. — 2.º O vintem milagroso. — 3.º Como elles se... rasparam. — 4.º Horrivel crime.

pirito satyrico das de Francisco Palha com as quaes já a compararam. O *Catimbau* e a *Fabia* são duas obras modelos. O *José João* faz rir e apanha bem algumas scenas populares — mas não é uma parodia.

O desempenho entregue a principiantes foi egual — e esse é um merecimento — na sua categoria modesta, sobresaíndo entretanto por vezes o actor Roldão cuja figura comica muito o pode vir a auxiliar na sua carreira.



RECITAS E CONCERTOS

LISBOA MUSICAL NO MEZ FINDO

Concluido da pag. 180

Quando no anno passado sahi do ultimo concerto de musica de camara satisfeito não só da pericia que n'elle evidenciaram os artistas que o promoveram, mas tambem da affluencia d'espectadores e seu enthusiasmo, calculei estar definitivamente enraizado em Lisboa o gosto por esse genero de musica e que, por consequencia, na presente occasião ao occupar-me d'essas sessões poderia enfim iniciar a minha apreciação, pouco mais ou menos, n'estes termos:

Mercê do merito e da perseverança dos artistas de que se compõe o Quartetto de Rey Colaço, a musica de camara conseguiu finalmente impôr-se á admiração dos nossos amadores de musica, os quaes pelo numero avultado em que concorreram ao Salão do Theatro de S. Carlos mostraram comprehender enfim quanto ha de bello e d'elevado n'essa manifestação musical que, sem o subsidio da multiplicidade dos timbres instrumentaes e dispensando as opulentas sonoridades da orchestra, dispõe aliás de recursos sufficientes para que deleite e prenda agradavelmente a attenção d'um publico que saiba escutar.

Era assim, repito, que eu contava começar a chronica em que tivesse de me occupar da 7.^a série d'estas deliciosas sessões musicas; mas como acima de tudo a verdade, ficará para os vindouros chronistas musicas o prazer de se expressarem por todas essas palavras e eu cingir-me-hei a relatar que dos 4 concertos dados no Salão de S. Carlos, apenas os dois ultimos foram concorridos. Já aconteceu o mesmo em 1895 e tambem no anno anterior.

Portanto, não ha que ver, na maioria os nossos amadores de musica só querem esses concertos *calados*, isto é, são como os compradores de melancias, que só depois d'experimentada a mercadoria é que se resolvem a realisar a transacção.

N'esses, porém, admitte-se a exigencia da cala, porque é frequente esse fructo não corresponder á sua exterioridade. Mas nos compradores de bilhetes para os mencionados concertos é que se me affigura desconfiança desmesurada conservarem-se á espera do que conste das primeiras sessões de musica de camara, para quando scientes do que ambas foram se decidirem então a frequentar as duas restantes.

Os creditos d'esses artistas estão de ha muito solidamente firmados, e as peças componentes dos programmas que com anticipação foram distribuidos, affirmavam o bom gosto e o eclectismo de quem as escolhera; todavia isso tudo não obstou a que a maior parte do nosso publico amador de musica persistisse em assistir simplesmente aos dois concertos ultimos.

Mais um caso singular, inexplicavel como muitos outros, que se me não daria d'apresentar a quem se propozesse, se para tal possuísse merecimentos, escrever um livro, curioso em extremo, cujo titulo seria—*Physiologia do melomano lisbonense*.

*

N'esses quatro concertos, realisado o primeiro a 11 do passado e os restantes nas tres segundas feiras seguintes, executaram os applaudidos quartettistas do seu repertorio já conhecido o *Trio em ré* op. 70 de Beethoven, o *Trio em dó menor* op. 66 de Mendelssohn, o *Quartetto em sol menor*, op. 25 de Brahms, o *Quartetto em mi bemol*, op. 47 de Schumann e o *Quintetto*, tambem em *mi bemol*, op. 44 do mesmo auctor. Todas estas composições estão ha muitos annos consagradas; por isso me dispenso de lhes enaltecer agora as qualidades e me limito a referir que, áparte o *Quartetto* de Schumann que não primou pela afinação dos instrumentos de arco, nem pela firmeza da execução, em todas as outras peças os executantes confirmaram o seu elevado merito e provocaram sinceros e merecidos applausos.

Muitissimo bem tocaram igualmente os quatro excellentes instrumentistas com a amavel coadjuvação do distincto amator, sr. Augusto Gerschey, o *Quintetto* op. 81 em *lá* para piano, 1.^o e 2.^o violinos, violeta e violoncello do compositor bohemio Anton Dvôrák, actualmente professor no Conservatorio de Praga.

Este *quintetto* é de facto uma peça importante, de boa factura, fertil em passagens interessantes e em bellas sonoridades, e de todo o ponto digna de que a divulguem.

O *andante con moto*, rico de melodias expressivas, no meio das quaes apparece inopinadamente um *allegro* em forma de *saltarello*, pareceu-me um pouco *tourmenté* e tambem um pouco longo; e o *allegro* final, moldado nas danças húngaras de Brahms pode-se afoitamente julgar inferior a essas por não ser isempto de certa vulgaridade.

Em compensação o 1.º andamento d'este quintetto está habilmente construído sobre dois motivos, qual d'elles o mais inspirado, e o *scherzo*, de contextura engenhosa, é admiravel de originalidade e brilhantismo. Quanto á execução d'essa peça já disse que foi primorosa, e folgo de repetil-o.

N'esse ponto a *Sonata* de Raff op. 78 para piano e violino, não foi tão feliz como a obra de Dvorák. O sr. Victor Hussla, violinista a que não faço favor algum quando chamo distincto, porque tem qualidades de sobra para merecer essa qualificação, temeu-se da 1.ª parte da sonata e d'ahi resultou perder-se o effeito que eu contava que esse andamento, embora um tanto extenso, produzisse no auditorio.

Para que a execução fosse perfeita faltou-lhe o calor e a animação que Raff n'ella julgou imprescindiveis; e porque esse movimento fosse tocado a medo, a volumosa sonoridade que Hussla extrahia do violino esmoreceu um tanto, a decisão e a *fougue* tambem falharam, e até á melodia do segundo motivo, tão vibrante, tão inspirada, faltou a intensidade d'expressão que o illustre artista costuma imprimir ao que interpreta, quando o entusiasmo o aquece e está seguro do que executa, como succede, por exemplo na *Sonata* a Kreutzer, que me não parece de menor difficuldade que a de Raff e na qual elle é devéras notavel. No andante, um verdadeiro *bijou*, Victor Hussla, cobrou animo e depois, já seguro de si, houve-se nos restantes andamentos á altura da sua legitima reputação. Ao concluir a *Sonata* elle e Rey Colaço foram muito victorizados.

A pormenorizada apreciação que fiz da *Sonata* de Raff no Folheto-Programma n.º 10, dispensa-me de fallar agora detidamente d'essa peça, que reputo magnifica, comquanto não deixe de reconhecer-lhe algumas longuras no 1.º andamento e pouca originalidade e até nenhuma distincção em parte do *scherzo*.

Tocou-se tambem, e distinctamente, um delicioso *trio* de Mozart para piano, violino e violeta, em que esta desempenha papel importante. Mas a peça que despertou mais entusiasmo foi a *Sonata em fá*, op. 24 de Beethoven, composta de 4 andamentos, todos elles d'extraordinaria espontaneidade e riqueza d'inspiração, peça a que Rey Colaço e Victor Hussla deram o maior realce pela execução primorosa que lhe imprimiram.

Em vista do exito obtido, é de crer que a melódica *sonata* de Beethoven entre nos programmas da proxima serie d'estes concertos. Como, porém, é presumivel que n'essa occasião tambem se execute d'esse auctor outra composição semelhante, eu preferia que em vez de reaparecer a 6.ª sonata op. 30, que realmente só tem de notavel o *adagio*, se executasse a 7.ª em *dó menor*.

Agora que o requerimento está apresentado,

espero da proverbial amabilidade dos dois illustres artistas que m'o não indefiram.

*

Resta-me fallar-lhes da festa annual de Victor Hussla, realisada no Salão da Trindade a 28 do mez ultimo.

N'esse concerto tive de novo ensejo de apreciar Hussla como compositor, regente d'orchestra, solista e quartettista. E ficou ainda na sombra uma das faces do seu privilegiado talento multiplo, porquanto d'esta vez não apresentou nenhum dos violinistas seus discipulos que, onde quer que appareçam, confirmam sempre a competencia do seu abalisado professor.

Não censuro por isso o distincto artista, porque o programma da sua festa, que se por alguma coisa peccou foi por extenso, ficaria enorme se ainda o augmentassem. Continha elle, entre outras peças, o *Andante* do *Sextetto*, op. 18 de Brahms, executado pelos srs. V. Hussla, A. Gazul, Neumeyer, Cunha e Silva e M. Palmeiro. Esse *andante* é, com effeito, uma composição magistral, que o sopro do grande estylo de Beethoven parece animar de principio a fim; mas para ser apreciado devidamente carece de ser executado em recinto mais pequeno que o do Salão da Trindade.

A solo fez-se ouvir Hussla n'uma sonata de Nardini, na *Danse des Sylphes* de Popper e no *Adagio* do 4.º concerto de David.

Em qualquer d'estas composições Victor Hussla manifestou as bellas qualidades que o constituem um violinista distincto. Sobretudo no *adagio* de David foi admiravel pela nobreza e amplitude de estylo com que o disse e pela quantidade e belleza de som que tirou do violino. Em seguida á ovação entusiastica e unanime de que foi objecto, o excellente artista tocou tambem divinamente, extra-programma, a famosa *Cavatina* de Raff.

Era tambem attractivo d'este concerto a primeira audição d'uma *Symphonia* em *ré* e de *Tres rhapsodias russas*, ambas as composições originaes de Victor Hussla.

Se bem que nas *rhapsodias* que Hussla escreveu sobre motivos populares nossos, o compositor se tivesse esmerado mais, o que não deixa de nos ser lisongeiro, as apresentadas agora são igualmente apreciaveis.

Pareceu-me obra mais valiosa a *Symphonia* em *ré*, sobretudo no que respeita ao 1.º andamento (*allegro moderato*) e ao *scherzo*. Qualquer dos quatro andamentos attesta em Hussla o saber technico e o profundo conhecimento da arte d'instrumentar; mas os dois que destaquei, o primeiro pela sua boa architectura e logico desenvolvimento, e o segundo pelo emprego engenhoso do seu rythmo vivo e original e a sua instrumentação de colorido brilhante, são indubitavelmente trabalhos de valor. Sinceramente, estimaria tornar a escutal-os, mas com instru-

mentos de palheta que não fossem os que os executaram agora.

Neste concerto fizeram se tambem ouvir e applaudir M.^{me} Mirés, que cantou duas romanzas de Gounod e Mascagni e uma *Ave Maria* de Massenet; e o sr. D. Francisco de Sousa Coutinho, que disse varias melodias de Luzzi, Gounod e Denza.

Creio ter sufficientemente justificado o que affirmei no começo do artigo anterior: que o mez de maio, este anno, foi abundantissimo de audições musicas. Bom será que a esta lufada de concertos não sobrevenha alguma calma que se prolongue até ao anno proximo.

A. M.



CORRESPONDENCIAS

DE MADRID — Junio, 8.

Las Mujeres. — En el Circo de Parish. — Sellés y *Los Domadores*.

Mientras los autores dramáticos prescinden de la realidad, y en abstracciones más ó menos idealistas desenvuelven pensamientos sutiles como argumentación escolástica, sin que les sea dado interesar ni conmovir virilmente con los conflictos imaginarios que inventan; los poetas cómicos cópian la vida con exactitud y animación y sin deformarla más que en el grado propio del género que cultivan, consiguiendo de esta suerte, dejar en sus obras *documentos* humanos que pueden influir en la creación de un teatro naturalista en su acepción más pura, no en la desvergonzada que los franceses han ensayado sin provecho para el arte.

La decadencia, un poco lacayuna, de nuestras costumbres, durante el último tercio del siglo XVIII, no hay que buscarla en las comedias que entónces se escribieron: los caprichos de Goya y los sainetes de D. Ramón de la Cruz son la pulsación justa de aquella época, por suceder que el atrevido pincel del ilustre aragonés y las saladas ocurrencias del autor de *El Muñuelo* sirvieron de espejo á una sociedad sin alma colectiva, viéndose en las creaciones de ambos ingenios ridicula, mal educada; tan defectuosa como era en el mundo.

La buena tradición literaria que llega a su mayor apogeo en los escritos picarescos de Quevedo, no ha desaparecido. Vital Aza, Luceño, Ricardo de la Vega y Javier de Búrgos la continúan con singular acierto, acreditándose de observadores sagaces y de escritores meritísimos que á costa de un pequeño esfuerzo pueden llegar á ser humoristas de nota.

Las mujeres, sainete debido á la pluma de Javier de Búrgos, es un primor de sátira jovial y truhanesca con su tendencia filosofica; tiene algo de comedia de alto vuelo por el estudio de los caracteres; conocimiento cabal de

de la mecanica teatral demuestra la trabazón de las escenas, y ha empleado su autor en el estilo una forma gallarda que conserva con donosura el color del lenguaje popular.

El argumento de *Las mujeres* es una maravilla de sencillez, y claridad que recuerda los que ideó D. Ramón de la Cruz.

Cuatro mujeres de condición irritable riñen con sus maridos por cierto pique conyugal, y una vieja y una niña hallan medio de encolerizarlas con sus gritos, consiguiendo la anciana aumentar la discordia y trocirla en sabrosa paz cuando la obra termina.

El *tio Salomón*, viudo, cargado de años, experimentado en el escepticismo exterior, y deudor, á la que fué su costilla, de una deslealtad repetida en distintas ocasiones, detesta á todas las nietas de Eva, y al enterarse del enojo de las cuatro casadas, intenta convencer á sus respectivos consortes de que sólo con dureza abatirán sus veleidades. Los esposos admiten el consejo, prometiéndose seguirlo, pero sus *medias circunferencias* amansan con sus artes á los que poco ántes eran unas fieras sin domesticar.

La vieja que conspira á favor de las hembras, se las há con el *tio Salomón*, el cual la despista con sus marrullerías, y saldria vencedor de su generosa empresa si la chucuela, que al empezar el sainete gemia y lloraba de miedo entre la zambra promovida por las cuatro iracundas mujeres, no desbaratara, con su travesura, la bien urdida trama del socarron amparador del sexo barbudo. Las niñas del dia, son mujeres puestas á pensar diabluras, y en los lances de amor, dan lecciones al mismo Ovidio.

De la música que el maestro Jiménez ha compuesto con destino á la obra de Búrgos, sobresale una polka, siendo los números restantes, agradables y adecuados al asunto que desarrolló el poeta.

*

La generación presente gusta poco de la risa, que denota salud fisica y tranquilidad de animo cuando es franca, y como propende á la seriedad grotesca del burro, desprecia las aficiones que ántes alborotaban de cascos á cuantos ya hemos perdido el pelo y la calma.

Ello es, lector, que las contorsiones de los payasos en el Circo, la agilidad increíble de los gimnastas, las gracias a poco hombrunas de las amazonas, la brutalidad de domadores y acrobatas, amén de la fuerza de los Hércules perfumados no logran desarrugar el ceño de la juventud, que entra en la vida de las pasiones ideando matrimonios de ventaja, ó preparando negocios no muy limpios. Destinados á adquirir esa discreción que se aprende con la edad, discreción que es vergüenza y mancha de no acompañarla la ciencia, según decia el poeta Filón, no gosan los jovenes del nuestro tiempo con los placeres *inocentes* á causa de pedirles sus nervios escitados y débiles, sensaciones intensas que degeneran, las más veces, en dolencias incurables. La locura se apodera de las gentes, y los histericos y neurosicos quieren conducirnos á la dicha, pasando ántes por el manicomio. Momo triunfa, y de los ojos verdes de Minerva sale el llanto; ya no miran dulce y tranquilamente á los nacidos de madre perecedera, que ántes se llegaban á ella ansiosos de contemplar á la diosa inmortal

Con dificultad acuden al Circo los hombres de mañana: sólo algún que otro vejete apollado, y tal cual familia burguesa celebran las salidas de tono de Bártolo, ó admiran, á la sordina, las piernas de las mujeres que sacan á la pista loritos, perros ó monos amaestrados.

Las preocupaciones, la ambición desmedida, la complejidad aparatosa de las costumbres y la inclinación que demostramos á lo serio, por temer el ridículo, siendo así que la seriedad excesiva es motivo de zumba, nos aleja de algunos espectáculos sencillos que no rebajaban moralmente al individuo ni le despertaban la sensualidad, contraria á las expansiones contajiosas del buen humor.

Cansado de ver en los teatros por horas el descoyuntamiento de ingenios surdos, huve de refugiarme, hace unas noches, en el Circo de Parish, y toqué otro desencanto. Se me antojó que los payasos filósofaban con su poco de melancolía al narrar chascarrillos, que el público bostezaba de puro aburrido, y salí á la calle mohino y con la cara más larga que pretendiente desengañado.

Ya no sabemos lanzar sonoras carcajadas, me dizia *in mente* la noche de *marras*; la civilización con su rigidez nos obliga á meditar mucho, desdenñamos los pasatiempos frívolos, y el reír hace mala liga con el *criticismo* imperante.

*

Como apunto Gambetta, «no hay cuestión social, si acaso, existen cuestiones sociales», y siendo exacto el dicho del malogrado político francés, no deben temblar los burgueses ante la preponderancia que toma la doctrina socialista. A la larga, y según avance la civilización, los delirios de los desheredados de la fortuna cesaran, que han de tener casa propia los actuales ajitadores, y otros hambrientos les quitaran el sueño con sus amenazas, hasta que tan difícil problema económico se resuelva con la libertad y la necesaria transformación de las funciones del Estado y de las clases privilegiadas.

El anarquismo, lo que se conoce de más violento é insensato dentro del credo social, es un ideal irrealizable, y á sus amparadores pueden curarlos los médicos alienistas, el dinero, y en ocasiones, el amor.

Eugenio Sellés, en sus escenas dramáticas tituladas *Los domadores*, quiso seguir la verdadera tendencia artística, la que se funda en vivir de las ideas modernas, estableciendo hermosas idealidades, y si no alcanza desarmar, nuestro poeta, el odio sin medida de los anarquistas, culpe á la maldita retórica que sirva para todo menos para conmovir el corazón de los fanáticos. La lectura de su último trabajo escénico, no llevará la luz de la lógica á los cerebros que hayan sido dañados por las máximas de tan peligrosa secta, ni evitará que los flacos de inteligencia pierdan la noción de la realidad al leer los escritos de Malatesta. *Los domadores* es una obra enclenque en su parte ética, que abunda en efectismos rebuscados de pensamiento y esta suplada la delicadeza poética con la fraseología hueca. La fiera, ó sea el anarquista que Sellés presenta, queda domado por la retórica, no por la carne de su carne como han afirmado algunos críticos impresionistas, que admiten pueden las convicciones más arraigadas desaparecer en cuanto un niño habla ingenuamente y se mete á doctor inconsciente. La Historia, em-

pero, se encarga de demostrarles que el sectario es como las fuerzas naturales; fatalmente se desarrollan y siembran la vida ó la muerte sin detener su curso.

La idea fundamental de *Los domadores* es parecida la que desarrolla Paul Alexis en un cuento de su libro *Trente Romans*, y si bien la originalidad es una virgen que ya no concede á nadie sus favores, conviene advertir á los literatos españoles que lo publicado en Francia tiene aquí lectores, y que las cosas se divulgan con facilidad pasmosa...

Los domadores han valido muchos aplausos á Sellés, y han procurado á Novelli un gran triunfo. Con eso y con todo, estudiando el argumento de este drama, se descubre en su fondo cierto decadentismo intelectualista contrario á la energía estética que solo alienta en las concepciones viriles. Es una muestra más de ese arte canijo que no consiente el desarrollo de las ideas sanas y robustas que se enseñorean de la literatura cuando los pueblos tienen un ideal colectivo.

E. ALONSO ORERA.



PARADOXO Á CERCA DO COMEDIANTE

— Não falemos mais n'isso.

— Porque?

— E' obra do seu amigo. ¹

— Que importa?

— Muito. Para que serve collocar-se na alternativa de desprezar o seu talento ou a minha opinião, de diminuir o bom conceito em que o tem a elle ou a mim?

— Não succede assim, e que succedesse, a minha amisade por ambos, assente em qualidades mais essenciaes, não soffreria com isso.

— Talvez.

— Tenho a certeza. Sabe o meu amigo com quem se parece n'este momento? Com um auctor do meu conhecimento que supplicava de joelhos, a uma mulher que amava, que não assistisse á primeira representação de uma das suas peças.

— O seu auctor era modesto e prudente.

— Temia que o terno sentimento que lhe dedicavam fosse um pouco devido ao caso que se fazia do seu merito litterario...

— Podia ser...

— Que uma queda publica, o prejudicasse um tanto aos olhos da amante...

¹ Garrick ou Os Actores inglezes.

— Que, menos estimado, fosse menos amado; e isso parece-lhe ridiculo?

— Todos o julgaram. O camarote foi alugado, o auctor teve uma ovação, e sabe Deus como foi abraçado, festejado, acariciado.

— Sel-o hia mais se a peça fosse apupada.

— Duvido.

— E eu persisto na minha opinião.

— Pois persista, admitto: mas lembre-se de que eu não sou mulher, e de que é necessario, que se explique.

— Deseja-o absolutamente?

— Absolutamente.

— Parece-me mais commodo calar-me de que ir d'encontro á sua opinião.

— Creio-o bem.

— Hei de ser severo.

— E' o que o meu amigo lhe exigiria.

— Pois bem: visto que é necessario dizer-lh'o, a obra do seu amigo, escripta n'um estylo obscuro, confuso, empolado, está cheia de idéas communs. Lendo-a, um grande comediante não ficará melhor, nem um pobre actor deixará de ser mau. Cabe á natureza dar as qualidades pessoas, a figura, a voz, o criterio, a subtilidade; e é o estudo dos grandes modelos, o conhecimento do coração humano, o uso do mundo, o trabalho assiduo, a experiencia e o habito de theatro que aperfeiçoam o dom da natureza. O comediante imitador pode chegar a representar tudo soffriavelmente sem que haja no seu trabalho coisa que se louve ou se censure.

— Ou tudo é digno de censura.

— Como quizer. O comediante de natureza é muitas vezes detestavel, algumas vezes excelente. Seja em que genero fôr, desconfie sempre de uma mediocridade continua. Ainda que um debutante seja tratado com rigor é facil presentir-se-lhe o exito futuro. Os apupos só embaraçam os ineptos. E como poderia a natureza sem a arte formar um grande comediante, se nada se passa em scena que seja exactamente como na natureza, e se os poemas dramaticos são compostos todos, segundo um certo systema de principios? E como poderia o mesmo papel ser representado da mesma maneira por dois actores differentes, se as palavras do escriptor mais claro, mais energico, mais preciso, não são nem podem ser outra coisa senão signaes aproximados d'um pensamento, d'uma idéa, d'um sentimento, signaes cujo valor é completado por o movimento, o gesto, o tom, o rosto, os olhos

e a circumstancia dada? Quando tiver ouvido estas palavras.

Que fait là votre main?

— Je tâte votre habit, l'etoffe en est melleuse.

que comprehende? Nada. Pese bem o que se segue e veja como é frequente e facil dois interlocutores, empregando as mesmas expressões, pensarem e dizerem coisas inteiramente differentes. E o exemplo que lhe vou dar d'isto é precisamente a obra do seu amigo. Perguntemos a um comediante francez o que pensa d'ella: e elle convirá em que tudo ali é exacto. Façamos a mesma pergunta a um comediante inglez e esse jurará *by God* que não ha uma só phrase a mudar e que é o puro Evangelho da scena. Entretanto, como não ha quasi nada de commum entre a maneira de escrever a comedia e a tragedia em Inglaterra e a maneira por que esses poemas são escriptos em França, visto que, na opinião mesmo de Garrick, aquelle que interpreta perfeitamente uma scena de Shakespeare não conhece a primeira palavra da declamação de uma scena de Racine, porque enlaçado pelos versos harmoniosos d'este ultimo, como por outras tantas serpentes cujas roscas lhe estreitassem a cabeça, os pés, as mãos, as pernas e os braços a sua faculdade de acção perderia toda a liberdade; — segue-se evidentemente que o actor francez e o actor inglez que concordam unanimemente na verdade dos principios do seu auctor, não se entendem, e que ha na linguagem technica do theatro uma lacuna bastante consideravel para que os homens sensatos de opiniões diametralmente oppostas julguem reconhecer n'ella a luz da evidencia. E agora mais do que nunca observe a sua maxima «Não se explique se quizer que o entendam.»

— Pensa então que em todas as obras, e n'esta sobretudo ha dois sentidos distinctos, ambos expressos pelos mesmos signaes — um em Londres, outro em Paris?

— E que esses signaes representam tão nitidamente estes dois sentidos que até o seu amigo se enganou, porque associando nomes de comediantes francezes a nomes de comediantes inglezes, applicando-lhes os mesmos preceitos e concedendo-lhes as mesmas censuras e os mesmos elogios imaginou sem duvida que o que dizia de uns era igualmente justo dos outros.

— Mas, a ser assim, nenhum outro auctor terá praticado tantos contrasensos.

— Serve-se das mesmas palavras para dizer uma coisa em Bussy e outra differente em Drury-Lane, confesso o com magua: de resto pode ser que eu não tenha rasão. Mas os pontos importantes sobre os quaes nós temos opiniões inteiramente diversas, eu e o seu auctor, são as qualidades primarias, essenciaes de um grande comediante. Eu quero n'elle muito discernimento: quero que este homem seja um espectador frio e tranquillo: exijo d'elle por consequencia muita penetração e nenhuma sensibilidade: a arte de imitar tudo, ou, o que é o mesmo, uma aptidão egual para todas as especies de caracteres e papeis.

(Continúa).

DIDEROT.



«VADE-MECUM» DO ACTOR

MAXIMAS E CONSELHOS PARA MEDITAÇÃO QUOTIDIANA

XLV

E' bem difficil a uma actriz bonita e cuidadosa de si ter tanto juizo em seu proceder que não a possam censurar.

XLVI

GUIMAREST.

Com uma conducta honesta, decente, reservada, consegue-se desfazer todas as insultuosas familiaridades que, a opinião que toda a gente tem d'uma actriz, não deixa nunca de lhe acarretar, principalmente da parte da gente mal educada que não é rara em parte nenhuma do mundo.

XLVII

DIDEROT.

Uma actriz virtuosa faz honra ao seu sexo e á sua arte e tudo pode pretender: é tão amada como a gloria: são duas rivaes que os grandes corações incensam sem que as torne ciumentas uma da outra.

XLVIII

STICOTTI.

M.elle Oligny prestou um grande serviço ás actrizes; provou-lhes que os simples proventos do theatro podem garantir uma aposentação agradável e decente.

XLIX

GOUDONI.

Poucas mulheres sabem conservar no theatro a nobreza de sentimentos que affasta as tentações baixas, e, perdendo-se, fazem reviver um prejuizo ao qual ellas são as primeiras a dar razão.

CAROLINA VAN-HOVE.

L.

E' então na escola da delicadeza e dos sentimentos que deve manifestar-se a depravação dos costumes e os signaes da mais baixa educação?

D'HANNETAIRE.

LII

Os que apenas são aprendizes na arte de declamar não deveriam expor-n'os a que os ouçamos porque, se possível fosse, dever-se-hia ser mestre logo á primeira vez que se fala em publico.

L. RICCOBONI.

LIII

Quem poderá conceber que um actor, querendo exprimir, em ficção, uma paixão que apenas é um sonho, force a alma a passar á idéa, a fazer-lhe empalidecer o rosto, a arrancar-lhe lagrimas dos olhos, a encovar-lhe de desespero todos os traços, a fazer ouvir sons entrecortados, a moldar-se emfim a todas as fórmulas que a occasião exige.

SHAKESPEARE.



INVESTIGAÇÕES

OS PRIMEIROS JORNAES DE THEATRO DE LISBOA

V

Concluido da pag. 186

Em 1 de maio de 1850 appareceu o 1.º n.º da *Revista dos Espectaculos*, folha dada como supplemento á *Revista Popular*, mas que mais tarde se livrou da tutela materna para viver só-sinha. E que vida folgada que ella levou! Foi um dos melhores jornaes do seu tempo esta bella revista.

Coexistiram com ella a *Tribuna Theatral*, o *Entre-Acto*, o *Gil Vicente*, a *Semana Theatral*, o *Rigoletto*, o *Galgo*, mas a todos a *Revista dos Espectaculos* sobrelevou em interesse e merecimento.

Foi esta celebre revista fundada por Fradesso da Silveira, que foi quem assumiu a sua direcção litteraria, e teve como redactores na 1.ª epoca: Thomaz Oom, Almeida e Lencastre, Mendes Leal, Ribeiro Guimarães, Emilio Lami, o velho Paulo Midosi, Ernesto Biester etc.

Na 2.ª epoca: Campos Valdez, Marques Pereira, Manuel Roussado, Luiz Filippe Leite e Ribeiro de Sá.

Por fim a propriedade da folha ficou pertencendo a José Maria de Andrade Ferreira, que foi um critico theatral muito conceituado.

Este jornal, que fez grande successo, durou perto de nove annos, pois que só veiu a finalisar em janeiro de 1859.

E' seguramente o mais completo, o mais perfeito e curioso periodico que na sua especialidade se publicou em Portugal até áquella epoca.

Não admira pois que essa revista adquirisse o alto conceito que teve e em que se sustentou por muito tempo, e que fosse, durante tantos annos, bafejada pela protecção do publico, entretanto que os jornaes de theatro que pretendiam competir com ella, uns se iam definhando, outros levando vida arrastada, e ainda outros morrendo poucos dias depois de nascerem.

Em 1856 appareceu o elegantissimo *Lutin*, de Cesar de Noronha. Brillhantes pennas escreveram n'esta formosa revista, que durou de 1 de outubro de 1856 a março de 1857.

Estava porém destinado á *Chronica dos Theatros* o dar a ultima palavra na especialidade.

Foi uma nova e brilhante época a que esse jornal veiu inaugurar não só na critica theatral, senão tambem como folha noticiarista e de biographias. A *Chronica dos Theatros* é um completo repositorio de noticias dramaticas, perfis biographicos de actores, musicos e auctores dramaticos nacionaes e estrangeiros e de tantos outros que mais ou menos directamente teem laborado n'este vasto e matisado campo da Arte Dramatica e Musical.

Foi a *Chronica dos Theatros* fundada pelo jornalista Eduardo Coelho, José Maria Pereira Rodrigues e Eusebio Simões.

N'esta interessantissima folha theatral collaboraram as melhores pennas d'aquelle tempo. Alguns d'esses escriptores ainda vivem, se bem que um tanto retirados das lides litterarias. D'esses lembra-me de Eduardo Augusto Vidal, visconde de Roussado, Rangel de Lima e Tito de Noronha. O muito erudito e fecundo escriptor Theophilo Braga, D. Guiomar Torreção e Joaquim de Vasconcellos tambem lhe abrilhantaram as paginas com os seus bellos artigos.

Os outros collaboradores já falleceram, e foram elles Camillo Castello Branco, Julio Cesar Machado, Ernesto Biester, Gomes d'Amorim e João Ricardo Cordeiro, que a morte implacavelmente nos arrebato.

E que safra ella tem feito em homens tão

distinctos, pela perda dos quaes as bellas letras tanto soffreram!...

A' *Chronica dos Theatros*, que encetou a sua gloriosa carreira em 1 de setembro de 1861, veiu tambem á ordem natural e infallivel das cousas n'este mundo.

Tendo já por vezes tido diversas interrupções motivadas, não pelo desfavor do publico, mas por erros de administração, veiu finalmente a succumbir em 20 de março de 1871, precisamente quando fazia dez annos e meio de existencia.

Se um jornal com esta idade é já decrepito no nosso paiz, onde a carreira jornalística se vê constantemente assediada por milhares de difficuldades e contratemplos, á *Chronica dos Theatros* não se póde, decerto, dar o epitheto de *velha*.

Morreu nova, e foi para a cova de palmito e capella.

SILVA PEREIRA



O THEATRO NA CHINA

Continuado de pag. 134

PARTE II

O AUCTOR

II

AS PAIXÕES

As paixões dramaticas não teem, no nosso theatro, a mesma origem que no theatro francez. N'este, o amor é a paixão dominante; todas as outras forças que dirigem o coração humano apresentam-se com uma influencia secundaria. Qualquer acção, seja comica ou tragica, tem por mobil o amor. O nosso theatro não deu a esta paixão uma importancia dramatica tão exclusiva pela simples rasão de que a interpretamos como um sentimento. O amor torturado, tyrannizado, appareceria aos nossos olhos como um exaggero. As violentas tempestades que se formam no coração e que apenas produzem o desespero, são superiores á nossa imaginação e só mui raramente poderiam manifestar-se na nossa sociedade, onde é absoluta a auctoridade paterna. Facilmente se comprehende, pois, que os grandes dramas do amor não teriam perante o nosso publico nenhuma probabilidade de suc-

cesso. Mesmo apresentados como *ficções* não agradariam porque ninguém comprehenderia este genero de supplicio, que consiste em amar-se violentamente e não se casar; e, para citar um exemplo, estou certo de que os nossos espectadores receberiam muito mal esse velho estúpido, que no momento mais agradável da peça vem causar a morte de Hernani e Dona Sol.

As paixões da scena são mais burguezas e teem mais pontos de contacto com as realidades da vida. Exigimos que os personagens que falam a nossa lingua não se afastem muito das acções ordinarias; basta que pratiquem ou nos recordem os preceitos do nosso philosopho Confucio. Certos auctores dizem: «é mister apresentar os homens taes como são»; outros opinam: «como elles deveriam ser.» Estas duas theorias estão, no nosso systema dramatico, fundidas n'uma só; é esta a sua característica.

Observar-se-ha, na maioria das nossas obras, o elogio dos concursos litterarios. Sabe-se quão brilhante é na nossa sociedade o titulo de lettrado; e ainda que muitas vezes me tenham dado a entender que estes lettrados nada sabem, persisto em crêr que o principio não é mau. Em regra geral, o *jeune premier* dos nossos theatros é um joven bacharel, como Lindoro; mas é um bacharel que vae ao concurso de licenceado. Os papeis de galã são desempenhados por estudantes que teem a certeza de obter as melhores classificações nos exames. Imaginem o n.º 1 de qualquer escola especial transformado em *jeune premier* na scena franceza, em lugar d'esses gommosos que só devem a sua situação de suspirantes a um titulo de nobreza ou á fortuna. Os *jeunes premiers* raras vezes são interessantes; mas sempre bonitos, aventureiros, andando á moda, espirituosos tanto quanto possivel e bons atiradores — n'uma palavra, sahiram com o n.º 1 da escola especial das artes do prazer. O seu prestigio consiste n'isso, mas todas estas coisas bonitas não valem um bom diploma. As ingenuas teem tambem uma certa culpa: são demasiado indulgentes para o sexo forte. Preferem a plastica ao talento e tendem mesmo a desdenhar os sabios que os auctores, d'accordo com ellas, buscam sempre tornar ridiculos. No casamento o verdadeiro merito consiste em não o ter, e quanto mais ignorante se é, sem o parecer, mais se agrada ás mulheres. Nunca vi peças em que a ingenua pozesse em relevo o espirito e a sciencia do seu pretendente. Mas

não deixará de fazer resaltar as suas qualidades de coração — flores que breve murcham.

Felizmente que as ingenuas agora tambem fazem exames; é possivel que para o futuro ellas sejam mais exigentes na escolha do marido. Interrogal-o-hão; buscarão conhecer todas as qualidades do candidato e não desespéro de ver, qualquer dia, na scena, um concurso de *jeunes premiers*, sob a presidencia d'uma mulher bacharel. Será a China de pernas para o ar. Se Corneille fosse chinez talvez tivesse escripto assim o seu famoso verso:

Sors vainqueur d'un concours dont Chimène est le prix.

Para nós a mais importante de todas as paixões, a que melhor corresponde aos nossos mais caros sentimentos, é a piedade. N'uma peça celebre, *O circulo de giz*, encontra-se um bello exemplo de piedade maternal: duas mulheres pretendem-se mães d'uma creança; apresentam-se diante d'um juiz que, para apurar a verdade, ordena que no chão se trace um circulo de giz e ahi se colloque a creança, que pertencerá, de clara elle, áquella das duas mulheres que conseguir tiral-o do circulo. A mãe falsa, que não tem piedade, vence a outra, que, cheia de compaixão, não se atreve a usar das suas forças. O magistrado reconhece-a então como mãe verdadeira. Este exemplo assemelha-se muito ao julgamento de Salomão e poderia dar logar a sabias dissertações. A piedade filial é tambem uma forte paixão que inspira grandes acções e grandes sacrificios. N'uma peça, *O Pi-Pa-Ki*, expõem-se os deveres da piedade filial como os definiram os nossos philosophos. E' um quadro animado, dramatico, onde, a par das alegrias que a piedade filial pode trazer, se mostram tambem as angustias por que passa um coração de mãe, soffrendo a ausencia d'um filho.

Continúa

TCHENG-KI-TONG.

COMO SE FAZ

UMA «REVISTA DO ANNO»

POR

FELIX GALIPAUX

no proximo numero.



DIVAGAÇÕES E PHANTASIAS

A MULHER
NO THEATRO CONTEMPORANEO

Pailleron tem uma phrase encantadora na sua espirituosa comedia, *A idade ingrata*. Refere-se ella ás sogras de que o theatro contemporaneo tem feito o seu desapiedado malhadeiro.

— Mas tu não imaginas, diz a um de seus amigos, Fondreton, marido ainda novo, o que seja ver sempre junto á nossa mulher, uma outra mulher, que nol-a reproduz feia e velha! . . .

Riem-se todos e com uma certa razão, porque a observação é engraçada e de uma verdade tal que todos a podem comprovar. Quantas vezes ao vermos passar, uma atraz da outra, uma mãe e uma filha não nos acode á idéa:

— Ah! está o que v. ex.^a foi, minha senhora; mas, minha menina, eis ali o que v. ex.^a será!

Todavia, forçoso é confessar que, se Fondreton não tem outras culpas de que accusar sua sogra senão a de ser mais velha do que a filha, não vejo muito motivo para o odio feroz com que a persegue; e assim, pode elle applicar-se a resposta cheia de bom senso, que um actor cuja fealdade irritava os espectadores lhes deu um dia:

— E' mais facil aos srs. costumarem-se á minha cara, do que, a mim o trocal-a por outra.

Eu não supponho, aliás, que o auctor comico vá até querer supprimir as mães que chegam a uma certa idade, sob pretexto de que parecem as filhas com rugas. E' preciso pois não aprofundar muito esta phrase que como muitas outras de comedia, occulta um grande fundo de amargura debaixo do seu bom humor.

O que eu desejo unicamente é reter da phrase de Fondreton, uma observação geral que ataca uma das tendencias caracteristicas da litteratura dramatica contemporanea. Esta phrase é com effeito typica e accusa a marcha progressiva das nossas idéas sobre o papel da mulher na sociedade e na arte, esses dois grandes elementos vitaes, que da melhor vontade se amoldam um ao outro.

Por pequena comparação que se faça das obras dramaticas da actual geração com as da precedente, e sem sair da mesma familia por exemplo, por muito pouco que se confronte Alexandre Dumas filho com Alexandre Dumas pae, fica-se admirado da extraordinaria deslocação que, em trinta annos, soffreu o ideal amoroso dos dois escriptores.

O materialismo submerge-nos como uma cheia a que cousa alguma põe dique. Os estudos physiologicos substituiram os estudos moraes; as sensações expulsaram os sentimentos; o homem que, segundo Pascal, não era nem anjo nem animal, é hoje um *tolo* d'espírito subtil, raciocinando e refinando a sua bestialidade, e a mulher não é mais do que a femea seductora d'este exquisito animal.

Que admira pois que, com similhante ordem de idéas, a mulher de certa idade já não seja objecto da menor attenção? Se a companheira do homem já não é apreciada senão pelos seus encantos physicos, desde que «deixe de agradar» perde toda a razão de ser e não é mais do que um traste incommodo. Collocada n'este terreno a comedia contemporanea é logica, e é de direito o desprezar a mulher que já não tenha cotação na Bolsa da galanteria.

Resta saber se ha razão para não se ver nas nossas metades senão bonitos animaes, creados unicamente para agradar aos machos da sua especie.

Esta fórma d'encarar a mulher tem um duplo inconveniente, moral e litterario. E, falando agora só do inconveniente litterario, digam-me se sabem de alguma cousa mais monotona e com a continuação, mais aborrecida, do que ver estas peças de theatro todas cortadas pelo mesmo molde e que não são capazes de pôr um homem diante de uma mulher sem que tratem immediatamente da questão, já não direi do amor, mas da attracção physiologica?

Com esta obstinada reproducção do mesmo assumpto, encarado sempre debaixo do mesmo ponto de vista, sabemos logo, todos, o fim de qualquer obra, antes mesmo de ter visto a segunda scena. Não é verdade que é o que acontece hoje? A mulher de theatro só tem uma função na vida: fazer apaixonar o homem e, geralmente, corrompel-o. Tambem assim que qualquer auctor mette uma mulher nova no seu enredo eu sei immediatamente o que vaç fazer d'ella. E' coisa commoda debaixo de certas ma-

neiras de ver, simplifica a intriga e desembaraça o terreno; mas como é terrivelmente *sempre a mesma coisa!*

Não lhes parece que o theatro moderno começa a ser um tanto fastidioso repisando sempre o mesmo thema e não querendo observar a vida senão debaixo de um só e sempre o mesmo aspecto? A's vezes ponho-me a considerar o nosso seculo e vejo-o sob a figura de um velho Céladon amando as mulheres tanto mais quanto menos se pode ligar a alguma, e sentindo renovos de mocidade á vista da primeira saia que passa.

Olhem, no desenho, o caminho seguido pelos caricaturistas; dar-lhes-ha bem idéa do progresso operado n'essa arte. Cham com a sua nota comica tão franca e a sua inimitavel bonhomia, gostava de descer ás cosinhas burguezas e ouvir conversar o cabo de esquadra com a cosinheira. Mas o que era para elle, a cosinheira? O que ainda algumas são hoje: uma forte e boa camponeza, de ar ingenuo e pesadão, mãos grandes, feições grossas, que são mulheres apenas para o cortador do talho ou para soldados inflammaveis. O mesmo com respeito ás amas de leite, e, muitas vezes ás criadas de quarto.

Interroguem agora Grévin e perguntem-lhe o que fez elle das criadas de quarto ou das cosinheiras? Que mudança, Deus meu! Vestida de creada ou vestida de patrão, Grévin, que era bem do seu tempo, mostra-nos sempre a *Parisiense*, isto é, a mulher habil a seduzir a vista, experimentada na arte de agradar e preocupada em exercer essa arte. E devo dizel-o? Vendendo-se uma cosinheira ou qualquer outra criadita sahida do lapis de Grévin, ella faz-nos uma impressão semelhante á que nos dá uma criada de *vaudeville*. Sentimos que aquillo não é a «verdade» e a cada replica vemos a cabotina debaixo d'aquella apparencia que engana—ou antes que não engana ninguem—da pseudo-criada. Se me deixam servir d'esta expressão, parece-me que as creadas de Grévin me estão sempre a *piscar o olho*; pertencem bem á nossa sociedade contemporanea onde a *metade* do homem é principalmente um objecto de arte e de luxo.

Mas voltemos ao theatro.

Evocando Grévin, toquei, creio eu, no ponto vital da questão. O theatro, esse ramo da arte tão seductor em todas as epochas e sobretudo tão apreciado na presente, está quasi a absor-

ver todas as outras artes ou pelo menos a sujeital-as e a moldal-as á sua imagem. A nossa arte de desenho é theatral; a litteratura, theatral; theatraes as nossas preocupações de toda a especie. A idéa «theatro» persegue-nos e penetra em todos os nosso habitos. O theatro corrige os costumes? Os costumes fazem o theatro? São estas as questões sempre debatidas e que Sarcey por exemplo não hesita em resolver recusando toda a influencia d'este sobre aquelles.

Sem contrariar um decano cujas vistas dramaticas são geralmente tão justas, eu creio que a influencia do theatro sobre os costumes e dos costumes sobre o theatro se exercem alternativamente. Demais é impossivel admittir que idéas lançadas n'um meio tão em vista, a dois mil espectadores reunidos, possam deixar de exercer alguma acção, hoje sobre a maneira de pensar, amanhã sobre a fórma de proceder.

Se ha, enfim, algum ponto onde a influencia dramatica pode exercer-se e fazer-se sentir, é precisamente n'este que nos occupa e que prende com a maneira de ser da mulher, e com a nossa maneira de ser, para com ella. Foi o theatro que nos trouxe esta tendencia de todas as artes para mostrar-nos na mulher o ente seductor e perigoso, timido e poderoso, cujo prestigio augmenta em razão inversa do progresso dos costumes. O theatro só vive da mulher e como elle interessa, antes de tudo, pela vista, pode dizer-se, principalmente hoje, que o theatro só vive da influencia physica da mulher e da sua belleza. O *bom* precisa de dar provas; o *bello* basta apparecer para se afirmar.

É assim que o theatro, esse radiante soberano do seculo, melhora todos os dias o pedestal da mulher nova e bonita. Tudo lhe é vantajoso e á influencia de um sexo tão poderoso já de si. O mal que das mulheres se diz no theatra é um reclamo a mais que se lhes faz. Caricias ou injurias, adorações ou blasphemias, tudo serve para levantar o edificio que as exalta, e as pedras que lhes atiram juntam-se ainda ás que lhes trazem em tributo, para lhes construir o monumento.

Mas—entendamo-nos bem—tudo isto, quando a mulher é nova e bonita. Se pelo contrario se trata da que «deixou de agradar» todo o mal que d'ella se diz no theatro acredita-se sempre sob palavra. Pobres mulheres de idade! Quantos motejos, quantos sarcasmos sem piedade não

vos custa o crime de terdes transposto a quarrentena! Com que brutalidade o auctor as flagella e como o publico o applaude! Como os orgulhosos cavalheiros, os bellos conversadores do *boudoir*, lhes deitam em rosto as mais grosseiras injurias e como se conhece então bem a differença que vae entre um homem gentil e um gentil homem! Dir-se-hia que n'esse proceder ha como que uma desforra do escravo que quebra as cadeias que o prendiam. Em certa sociedade — e justamente aquella onde os nossos auctores comicos mais frequentemente vão buscar os seus modelos — o homem não sabe conservar para com a mulher, nem dignidade se ella é poderosa, isto é, nova, nem generosidade se deixou de o ser. Parece, todavia, que entre a baixeza servil e a independencia grosseira deveria haver um meio termo. Mas, vão dizer ao escravo revoltado que não ultrage aquelle a quem ainda na vespera beijava os pés!

É evidentemente um sentimento d'este genero que dicta aos personagens de comedia, uma satyra tão amarga para com as mulheres que commettem o crime de já não serem novas. Para muita adoração pela belleza fascinante, muito desprezo pela beldade decadente. É uma questão de conveniencias que vem da enorme vantagem dada no theatro contemporaneo, á influencia physica da mulher.

Eu bem sei que o theatro em tempo algum foi escola de respeito para com a velhice ou mesmo para com a idade mädura; mas os *barbas* e as matronas que o velho repertorio ridiculisa, começam elles proprios por esquecer a sua idade e se namorarem apaixonadamente d'alguma cara nova. Com isso põem-se elles mesmos a descoberto e tornam-se puniveis pela satyra. A sua culpa, n'esse caso, não é não serem novos, mas sim quererem correr a par com os que o sãc, não o sendo já. Harpagão enamorado de Marianna; Arnolpho apaixonado por Agnés; Bé-lise aspirando as homenagens respeitosas de Clitandro; todos estes personagens, inventados e satyrisados por Molière são verdadeiramente ridiculos e ridiculos com toda a razão.

Cabia ao nosso tempo, o imputar á mulher o crime de contar mais annos do que os que deve ter. Pertencia-lhe dizer a uma mãe:

— O quê? pois tem a ousadia de apparecer ao lado da sua filha, de quem a senhora é a reproducção em velho e em feio! Que atrevimento! Ora vá-se deitar, feia creatura; vá-se deitar!

Pailleron, que tem um espirito tão delicado, elle que ousou recommençar os processos de Molière e fez tão boa justiça no *Monde où l'on s'ennuie* a todos os pedantes, conhece acaso o alcance da sua phrase? Estou tentado a julgar que não. Ha palavras que um auctor escreve quasi inconscientemente, apenas porque as respira na propria atmosphaera em que vive e na sociedade que frequenta, julgando-a e respirando-a ao mesmo tempo.

Por isso não é a Pailleron que temos de culpar, é a todos nós. Por isso me pareceu que este traço comico, simples pretexto das observações precedentes, é principalmente um indicio, um symptoma do estado da comedia contemporanea. A arte e a litteratura vão em caminho de cahir n'um positivismo sufficientemente grosseiro. A mulher já não serve senão para o prazer e quando deixa de servir para esse fim, não serve absolutamente para nada.

Esta tendencia, digo eu mais acima, tem um duplo inconveniente litterario e moral. Do primeiro ponto acabamos de falar; e deixa-nos receiosos de nos termos embrenhado em uma physiologia sem nexo.

Quanto ao perigo moral, não é preciso insistir n'elle longo tempo. Nós não somos turcos ou pelo menos, devemos desejar não o ser. Ora só turcos, só homens que não fazem a menor differença entre uma mulher bonita e um cavallo de boa estampa, uma e outro objectos de luxo, é que pôdem fechar os olhos sobre as qualidades d'espirito e de coração proprias das mulheres e uteis na sociedade.

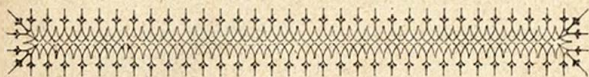
Claro está que á força de lhes negarem um mais alto ideal, acaba-se por se abaixar o nivel moral d'aquellas que nos devem dar os nossos filhos e de quem elles recebem as primeiras impressões do que é o mundo e do que é a vida. Que as mulheres do Oriente sejam creaturas ineptas, atrophiasdas pela ignorancia e pela ociosidade, vivendo apenas para disputarem entre si o *homem*, está muito bem; as desgraçadas são o que as fazem ser e merecem mais compaixão do que desprezo. Mas a que profundidade de enbrutecimento não chegarão ainda os Orientaes para com as mulheres se acaso alguma revolução brusca os fôr despertar um dia!

A nós que somos de raça mais generosa compete-nos ter um ideal mais elevado. E, se a questão do amor toma tão grande logar na nossa existencia, se se deve admittir — e eu creio que

sim — que ella deve ter o primeiro logar nos romances e nas obras dramaticas, não quer isto dizer, que na vida como na Arte, não haja mais cousa alguma do que *ella, ella* e sempre *ella*. O que faz o encanto e a força moral das nossas sociedades europeas, é justamente o não termos gyneceos, e a mulher não viver enferrolhada n'elles sem outro cuidado mais do que agradar ao seu pseudo-dono, e antes pelo contrario, ser ella associada nos nossos negocios, em nossas alegrias e nos nossos pezares, a toda a nossa boa ou má fortuna, á nossa vida emfim.

Lamento devéras, eu, as sociedades que não comprehendem os beneficios d'esta existencia a dois e que abandonam a metade dos seus membros ás futilidades da vida galante. São devéras para lastimar; porque está na ordem das cousas normaes que a mulher, digam lá o que quizerem, ha-de exercer fatalmente influencia sobre o homem e que n'aquillo em que lhe não fizer muito bem, lhe ha-de causar por força um grande mal. Dir-se-ha pois que o principio superior que rege as sociedades humanas procura vingar-se d'aquelles que têm a loucura de não conhecer como devem — a mulher.

JULES GUILLEMOT.



VARIÉDADES

A celebre Loie Fuller, inventou mais um novo bailado. Chama-se elle *A dança de fogo*.

O theatro escurece por completo, como para a *Dança serpentina*; depois começa a perceber-se ao longe e vagamente como que um resplendor que pouco a pouco vae tomando uma fórma que por fim desenha perfeitamente uma creatura humana balouçando-se no ar. Insensivelmente a mysteriosa visão transforma-se e, illuminada por milhares de luzes, torna-se radiante: é uma borboleta enorme, de azas immensas, nas quaes brilham os mais bellos rubis, saphiras e turquezas. Rodeia a figura uma brilhantissima aureola que contrasta com a escuridão do theatro.

Na *Dança serpentina*, a Fuller recebia, como se sabe, a luz de focos electricos habilmente combinados; na *Dança de fogo* é ella mesma que traz occulta uma porção de pequenas lampadas que illuminadas pela electricidade produzem o brilho das pedras preciosas.

E' tão grande o effeito d'este novo *truc* em que Fuller é eximia, que os americanos a cognominaram de *The matchless actress* — *A artista sem rival*.

Recebemos um novo jornal theatral madrileno. É illustrado com numerosas gravuras e incluye uma musica. Chama-se: *Espanña artistica*.

Muito agradecemos a offerta.

O nosso compatricio Faustino da Rosa está feito empresario do theatro Rivadavia de Buenos Ayres, para o qual está organisando companhia em Milão.

O *Aureneta* de Barcelona accusando a recepção do ultimo n.º da nossa *Revista* consagra palavras delicadas ao nosso querido amigo Gervasio Lobato.

Agora não somos nós que falamos da companhia que funciona no D. Amelia. Leia-mo que diz o supplemento verde da *Arte Drammatica* de Milão.

«Devemos dizer em honra da verdade que todos os jornaes portuguezes tecem palavras lisonjeiras a todos os artistas da companhia Bonazzo e Milzi. Quando a mesma companhia esteve em Milão, achámol-a bastante deficiente, mas como os portuguezes asseguram que é a o melhor que teem ouvido, não temos duvida em acreditar-os».

Ora apanhem!

Damos hoje o seguimento do itinerario pelas provincias da *troupe* que sahiu do Gymnasio dirigida pelo sr. Carlos Borges, e que promettemos no nosso n.º 34:

	Dia 1 de julho	<i>Lição cruel.</i>	
CASTELLO	» 2 » »	<i>Nono: não desejarás.</i>	
	» 3 » »	<i>O genro do Caetano.</i>	
	BRANCO...	» 4 » »	<i>A Madrinha de Charley.</i>
	» 5 » »	<i>Toupinel que Deus haja.</i>	
	» 6 » »	<i>Namorados.</i>	
TOURIS NO-	» 7 » »	<i>Toupinel que Deus haja.</i>	
	VAS....	» 8 » »	<i>A Madrinha de Charley.</i>
ANADIA.....	» 9 » »	<i>Nono: não desejarás.</i>	
	» 10 » »	<i>A Madrinha de Charley.</i>	
AVEIRO.....	» 11 » »	<i>Lição cruel.</i>	
	» 12 » »	<i>A Madrinha de Charley.</i>	
LAMEGO.....	» 13 » »	<i>Lição cruel.</i>	
	» 14 » »	<i>Nono: não desejarás.</i>	
	» 15 » »	<i>A Madrinha de Charley.</i>	
MIRANDELLA.	» 16 » »	<i>Nono: não desejarás.</i>	
MACEDO.....	» 17 » »	<i>O genro do Caetano.</i>	
	» 18 » »	<i>Nono: não desejarás.</i>	
	» 19 » »	<i>Lição cruel.</i>	
	» 20 » »	<i>O genro do Caetano.</i>	
BRAGANÇA...	» 21 » »	<i>A Madrinha de Charley.</i>	
	» 22 » »	<i>O assassino de Macario.</i>	
	» 23 » »	<i>Namorados.</i>	
	» 24 » »	<i>Lição cruel.</i>	
	» 25 » »	<i>A Madrinha de Charley.</i>	
	» 26 » »	<i>Toupinel que Deus haja.</i>	
	» 27 » »	<i>O genro do Caetano.</i>	
	» 28 » »	<i>Primeiro desgosto, Ciume com ciume se paga, Comedia e Tragedia, Historia d'um cão.</i>	
MACEDO.....	» 29 » »	<i>Nono: não desejarás.</i>	
MIRANDELLA.	» 30 » »	<i>O genro do Caetano.</i>	
VIANNA DO CASTELLO..)	» 31 » »	<i>Lição cruel.</i>	

A pequena companhia tem tido o melhor exito na sua viagem e o proprio director amavelmente nol-o communica dizendo que: «A empreza por enquanto vae bem; prospéra e está contente com o publico e com os artistas».

Estimamos devéras.